O agronegócio é o seguinte

AGRONEGÓCIO DE OLHO NO CÂMBIO

A TAXA de câmbio é uma importante variável para o agronegócio, com impacto direto no resultado da atividade. Em momentos de volatilidade cambial excessiva, é um desafio fazer previsões sobre a taxa, o que dificulta a tomada de decisão, podendo retrair investimentos e reduzir a eficiência empresarial. Nesse sentido, o papel da autoridade monetária é trabalhar justamente para reduzir a volatilidade da taxa de câmbio, mas sem interferir no seu nível.

Mudanças repentinas no cenário econômico podem promover a saída rápida de capitais de curto prazo e gerar uma pressão sobre a taxa de câmbio e sobre as reservas de dólar do País. Embora nossas reservas internacionais somem cerca de US$ 380 bilhões, o Brasil necessita anualmente de cerca de US$ 80,0 bilhões para financiar o déficit em transações correntes, dos quais cerca de US$ 60 bilhões vêm de investimentos estrangeiros diretos.

O que as empresas devem esperar? No longo prazo, os fundamentos apontam na direção de um real mais desvalorizado para ajustar as contas externas, ou seja, favorável aos exportadores. No entanto, essa trajetória de ajustamento pode ser bastante acidentada. No curto prazo, a valorização recente do real e a queda da volatilidade possibilitam certa complacência e tomada de riscos excessivos por parte dos agentes. Para aqueles que possuem passivos em dólares, a recomendação é que protejam sua posição, por meio de operações de *hedge*.

Desde 2006, há um importante debate sobre a formação dos preços agrícolas: é resultado do reflexo do equilíbrio entre oferta e demanda nos mercados físicos ou da atividade especulativa nos mercados financeiros? A pergunta é intrigante e desperta o interesse de uma gama enorme de agentes envolvidos. Nem mesmo entre a comunidade acadêmica há um consenso sobre o assunto. Certo é que o processo de formação dos preços, há tempos, tem sido condicionado por fatores além de questões climáticas, dimensão da área plantada etc., ou seja, os fundamentos. É necessário acompanhar bem atentamente a conjuntura macroeconômica para saber para onde o preço está indo, mesmo sem saber quem está exercendo a maior influência.

Nesta safra 2014/15, as projeções apontam para uma produção mundial generosa de soja, bem provavelmente a maior da história. Com a entrada da colheita norte-americana no mercado e a expectativa de incremento na área de plantio no Brasil, os preços enfraquecem e começam a ceder nas bolsas internacionais. Mesmo assim, considerando um cenário de clima favorável e boa produtividade na temporada, a cultura seguirá proporcionando bons resultados econômicos ao produtor em relação às outras atividades agrícolas ou pecuárias. Em julho, em Rondonópolis-MT, com a saca vendida a R$ 57,00, o lucro por hectare foi de R$ 531,30, com rentabilidade de 4,1%.

No café, a grande seca deste ano provocou quebra na produção brasileira tanto em termos de qualidade, como em quantidade. Os efeitos dessa adversidade afetarão a produtividade dos cafezais no próximo ano. Mesmo com a forte valorização do produto, os cafeicultores contabilizam perdas que podem comprometer as suas rendas.

A produção de trigo na Argentina, principal fornecedor do Brasil, caiu muito em comparação à realizada no passado. Aqui, a discussão sobre a autossuficiência nacional é antiga. O problema é não termos matéria-prima de qualidade para atender o grande consumo no segmento de trigo panificável, que representa a metade do total demandado. A solução passa pela utilização das áreas disponíveis no Cerrado central do País, em agregação àquelas tradicionais da região Sul. Capacidade empresarial e tecnologia já existem.

O potencial brasileiro na cadeia do dendê é significativo. Trata-se do óleo mais produzido no mundo. Indonésia e Malásia, juntas, respondem por 85% da produção no Planeta. Porém, as fortes exigências ambientais e trabalhistas penalizam e tiram a competitividade das empresas nacionais. Os marcos regulatórios precisam estar mais adequados às condições e realidade do País. Está em jogo o retorno de US$ 1,5 bilhão de investimentos realizados nos últimos anos.

No caderno especial, a Associação Brasileira das Indústrias de Tecnologia em Nutrição Vegetal (Abisolo) mostra a força de representatividade de um setor que cresceu 30% nos últimos dois anos, numa média de 12% ao ano. A tendência é de crescimento e expansão dos negócios de nutrição vegetal, de forma sustentável, segura e profissional. As empresas unem-se para atuar de maneira organizada e alinhada dentro dos objetivos comuns em uma entidade. Há um foco de trabalho para o alinhamento dos marcos regulatórios e as legislações ambientais, junto a esforços para o desenvolvimento de inteligência de mercado e a valorização dos negócios empresariais. ■